

## Gilberto Freyre: as impurezas da modernidade

*Eduardo Portella\**

**H**á mais ou menos duas décadas escrevi um artigo sobre Gilberto Freyre intitulado «Crítica da razão impura». Gilberto, na época, absorveu com bastante interesse essa possível perspectiva interpretativa. Tentava mostrar como no centro do trabalho reconstrutivo de Gilberto Freyre predominam a escolha e o uso de materiais impuros. Sobretudo se destaca uma espécie de deslocamento com respeito ao núcleo das leituras predominantes, amplamente hierarquizado, e em função do qual as instâncias imprevisíveis perderiam a sua hora e a sua vez.

Não é difícil constatar que a alta modernidade, a modernidade das Luzes, da razão unânime, imperativa e categórica, sofre aqui alguns reveses. Pelo menos assiste, talvez constrangida, à penetração da impureza no edifício aparentemente impermeabilizado. Toda a obra de Freyre, e especialmente a tetralogia formada por Casa-grande & senzala, Sobrados e Mucambos, Ordem e Progresso e Jazigos e Covas rasas, este inconcluso, registra essa fresta, essa infiltração, por onde passa a mistura, o impróprio, a complexidade. Trópicos impuros, impudicos, e por isso mesmo plurais.

É um programa hermenêutico fronteiriço, na medida em que localizado nas fronteiras do saber. Porém, fronteira jamais como barreira, e sim como passagem. Imune, portanto, ao reducionismo do olhar especializado, fixo, paralisado. Deixa de lado a compreensão territorial da modernidade, a cartografia da razão hegemônica, e finca outras fronteiras, desenha novos mapas.

---

\* Escritor, diretor da *Revista Tempo Brasileiro* e Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*Gilberto Freyre procura valorizar intercâmbios materiais e trocas simbólicas dentro do contrato social flexível. Consegue do mesmo modo proteger-se dos fetiches identitários nacionalmente produzidos. E, como nenhum outro, chega a transpor o ghetto das disciplinas fechadas e cruzar olhares, percepções, entendimentos-linguagens.*

*Por isso, Gilberto Freyre alcança ver mais: os grandes acontecimentos da história pública e as pequenas estórias da vida privada. A macro e a micro histórias articulam vidas individuais e situações coletivas, os tempos do tempo, autobiografia e memória, painéis e estudos de caso. Tudo conforme os sinais recebidos pela sua antena esperta. Porque nele a verdade não precede o contato, nem se instala definitivamente em algum endereço privilegiado. Os seres, os homens e as coisas, nascem, crescem e podem subitamente morrer, em função das virtudes e das virtualidades das relações. E toda relação que se preza é impura. Da mesma maneira que a pureza é solitária, a impureza é solidária. Ela se alimenta de comparações, contrastes e confrontos. Sem garantias prévias, sem proteção securitária.*

*Compreende-se por que a dimensão intersubjetiva freqüentemente prevalece sobre a ênfase laboral, fazendo com que a criação de relações predomine ou se iguale às relações de produção. Fica difícil aceitar, pura e simplesmente, que Freyre seja o responsável pela interpretação racial da cultura. Prefiro acreditar que é antes pioneiro da compreensão cultural das raças: da raça ao reverso. Dissolve, assim, dicotomias secularmente persistentes, que impediam a leitura da «formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida» (são palavras suas). A partir daí, ele organiza uma espécie de hermenêutica terciária, distante da solidão da subjetividade e da frieza da objetividade. Nem tão objetiva que representasse a destituição da sensibilidade individual; nem tão subjetiva que compromettesse o rigor da investigação. O que lhe permitiu rever e contestar a idéia de que a América católica, ibérica, mulata, seria o posto avançado do atraso.*

*Essas formulações inesperadas prosperam sob os auspícios da linguagem. Gilberto é antes de tudo um escritor. Um ensaísta, um narrador. Era assim que ele gostava de ser considerado. Ensaísta moderno, naquela linha direta que vai de Montaigne a Ortega. Tardou para ser compreendida essa sua condição radical. O conhecimento permanecia compartimentado, a aventura do espírito continuava submersa na rotina do «conflito das faculdades», cavalo de batalha da Universidade moderna. As transformações se processavam em ritmo lento. Só nos anos noventa é que houve algo como a redescoberta da narrativa pelas ciências humanas. A cooperação interdisciplinar, que já havia levantado vôo, acelerou a sua marcha.*

*A liberdade do olhar levou Gilberto Freyre a se desvencilhar da idéia de identidade, força motriz do idealismo absolutista e colonizador. O conceito de*

*identidade foi circunscrevendo os projetos nacionais, sob o pretexto de fortalecê-los. Seria o isolamento, o culto da pureza, a domesticação da alteridade. Seria a frágil força do bunker. O mundo como vontade de vida historicamente, intersubjetivamente encarnada, seria jogado na lata de lixo da história. A cultura, antes de tudo mescla, mistura, composição incessante, ficaria submetida à identidade insular. Com isso, o conceito apropriativo de identidade foi-se tornando progressivamente racista. E se impôs um movimento de emancipação da identidade, de tomada de consciência de que toda cultura é intercultural. O reconhecimento da mestiçagem enlaça com o saber avançado da derradeira modernidade. Mas com algumas vantagens, na distância que separa o clone do mestiço. O clone é a reprodução do mesmo; o mestiço vem a ser a criação compartilhada do outro. O primeiro é um artefato tecnológico; o segundo, a invenção humana. Parodiando André Malraux poderíamos dizer que o século XXI será mestiço ou não será. Gilberto Freyre certamente gostaria de escutar esta paródia, mesmo sabendo-a improvisada.*

*Ciência e arte se entrelaçam. Em Vida, forma e cor, um dos livros mais instigadores de Freyre, percebem-se as mediações próximas e longínquas, essa interminável pedagogia do viver-juntos. Se a antropologia incorre no vício do «olhar distante», não é menos válido adiantar que Gilberto Freyre está vacinado contra essa propagação.*

*Observando com um pouco mais de atenção é possível ver que o compromisso moderno, porém saudavelmente impuro – vale repetir –, perpassa toda a obra de Gilberto Freyre. Ficou talvez encoberto porque o vigor tradicionalista assumiu proporções explícitas nas diferentes interpretações do legado Freyre. É a modernidade com memória, o passado como futuro anterior. Mas dentro de uma construção simultânea, emblematizada no livro Além do apenas moderno. Sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular. Aí, no balanço sincronizado do tempo triúbio, o presente, o passado e o futuro se fundem e se confundem. Ganha vida a reprogramação presente do passado, a criação da tradição – a própria movimentação narrativa atualiza o que fora arquivado –, e uma filosofia do futuro, em vários pontos afins de recente livro, do mesmo nome, do filósofo espanhol Eugenio Trias. Por aqui, por esse preciso caminho das pedras, distante da perfeição eugênica, próximo da interação cultural, longe da lógica exterminadora do modernismo, perto da linguagem confluyente da modernidade, é improvável o extravio da nova edição, revista e melhorada, do projeto moderno, tão caro ao saber pluridisciplinar de Gilberto Freyre.*